

A Videira e os Ramos

(15:1-11)

No capítulo 14, Jesus passou um tempo com os discípulos, assegurando-lhes de que não havia necessidade de se angustiarem por causa de sua partida iminente. Ele concluiu suas observações dizendo: “Levantai-vos, vamo-nos daqui” em 14:31. A refeição de Páscoa chegara ao fim. Então, Jesus e os discípulos começaram a percorrer as ruas da cidade em direção ao vale do Cedrom e ao monte das Oliveiras. Nesse trajeto, Jesus apresentou o discurso iniciado no capítulo 15. O capítulo começa com a conhecida “alegoria da videira”¹, em que Jesus se descreveu como “a videira verdadeira”. Os discípulos, que são os ramos, deveriam permanecer em Jesus e dar muitos frutos. Embora haja várias referências paralelas a vinhas, somente algumas focalizam a videira propriamente dita.

O que levou Jesus a usar a figura da videira para ensinar essas verdades não é imediatamente evidente². Vários comentaristas veem na figura da

videira uma referência à instituição da ceia do Senhor, estabelecida na hora da refeição da Páscoa; no entanto, essa visão é improvável. A ênfase nessa alegoria está na videira e não no fruto da videira. Nada no texto faz alusão a beber do fruto da videira, e não há menção do pão (veja Mateus 26:26-29; Marcos 14:22-25; Lucas 22:14-20). Um aspecto relevante é o tema abordado em todo o discurso, conforme observado por C. K. Barrett: “A verdade é que João está falando da união dos crentes com Cristo, sem o qual nada podem fazer”³.

Alguns comentaristas sugeriram que Jesus e os discípulos, depois de sair do cenáculo, passaram por uma vinha ao atravessar o vale de Cedrom (18:1). Eles teriam visto vinhedos nas encostas, e fogueiras para a poda das vinhas junto ao ribeiro de Cedrom.

No retrato pintado por outros comentaristas, Jesus e os discípulos estariam parados em frente ao templo, onde a impressionante videira de ouro que adornava a entrada do santuário⁴ teria estimulado Jesus a dizer: “Eu sou a videira verdadeira” (15:1). Independentemente do que motivou o uso da figura da videira, Jesus ensinou que ele cumpriu o propósito da videira de Deus, sendo “a videira verdadeira”. Ele descreveu seus discípulos como ramos da “videira verdadeira”, o próprio Cristo.

¹Concordando com H. van den Bussche, Raymond E. Brown declarou que não é uma “alegoria cuidadosa em que cada detalhe têm um significado”, nem é uma parábola. Ele a denominou um *mashal* (um ditado sábio ou enigmático). (Raymond E. Brown, *The Gospel According to John [xiii-xxi]*, The Anchor Bible, vol. 29A. Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1970, p. 668; citando H. van den Bussche, *Le discours d'adieu de Jésus*. Tournai: Casterman, 1959, p. 102.) D. A. Carson chamou o trecho de “metáfora estendida” (D. A. Carson, *O Comentário de João*. Trad. Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 513). Tal como o discurso sobre “o bom pastor”, esta seção contém claramente elementos alegóricos, pois o seu ensino inclui uma série de metáforas (como a identificação da videira, os ramos, e o agricultor) podendo, assim, ser devidamente chamada de “alegoria da videira”.

²Aqueles que acreditam que Jesus e os discípulos ainda estavam no cenáculo durante o discurso que vem após o capítulo 14 irão, como B. F. Westcott observou, “supor que a simbologia adveio de uma videira que crescia nas paredes da casa, pendendo sobre uma janela; ou do ‘fruto da videira’ [Mateus 26:29]” (B. F. Westcott, *The Gospel According to St.*

John. Cambridge: University Press, 1881; reprint, Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950, p. 216). As outras conclusões se baseiam na visão de que Jesus e os discípulos deixaram o cenáculo no fim do capítulo 14 e começaram a viagem para fora da cidade rumo ao vale de Cedrom e o monte das Oliveiras (veja os comentários sobre 14:30, 31).

³C. K. Barrett, *The Gospel According to St. John*, 2ª. ed. Filadélfia: Westminster Press, 1978, p. 470.

⁴Essa videira dourada é descrita tanto em fontes judaicas quanto romanas. Veja Flávio Josefo, *Antiguidades* 15.11.3 [394-95]; Mishná, *Middoth* 3.8; Tácito, *Histórias* 5.5.

Da mesma forma, os cristãos (membros do corpo de Cristo, a igreja) são relacionados a Cristo (o cabeça da igreja) nas descrições de Paulo em Efésios 1:22, 23; 5:23 e 1 Coríntios 12.

“EU SOU A VIDEIRA VERDADEIRA” (15:1–3)

¹Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. ²Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda. ³Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado.

Versículo 1. Este versículo contém a última menção da fórmula “eu sou”⁵ e a única acompanhada de mais um predicativo referente ao Pai: **Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor** (veja 15:5). A figura da videira era comum no mundo antigo. Aqui Jesus empregou a imagem da videira típica do Antigo Testamento, em que a videira ou a vinha geralmente é um símbolo de Israel sob os cuidados e proteção de Deus⁶. As referências a Israel como a vinha ou videira de Deus costumavam enfatizar o fracasso de Israel em produzir frutos, resultando no julgamento de Deus. Em contraste com esse fracasso, Jesus se apresentou como “a videira verdadeira”, que cumpriu fielmente o propósito da videira de Deus.

O Salmo 80 reúne as imagens de Israel e do Filho do Homem como a videira de Deus. O salmista descreveu Deus trazendo uma vinha (Israel) do Egito e plantando-a. Ele lamentou o fato dessa vinha deixar de ser produtiva, sendo cortada e queimada. E também rogou que Deus cuidasse dela:

Olha do céu, e vê, e visita esta vinha;
protege o que a tua mão direita plantou,
o sarmento que para ti fortaleceste...
Seja a tua mão sobre o povo da tua destra,
sobre o filho do homem que fortaleceste para ti
(Salmos 80:14b-17).

O “filho do homem” representa Jesus, “a videira verdadeira” (ἀληθινός, *alēthinos*; “real”, “genu-

ína”, “autêntica”; veja 1:9). Ele era “o homem da destra [de Deus]”, em contraste com o Israel infiel. Em 15:1, assim como no salmo, Deus é considerado o “agricultor”. A palavra grega comum para “vinicultor”, γεωργός (*geōrgos*) tecnicamente significa “agricultor”. *Geōrgos* denota aquele que lavra o solo. Tal qual o vinicultor do Antigo Testamento, Deus desenterrou a videira (Israel) do Egito, abriu espaço para ela, plantou-a e cuidou dela (Salmos 80:8, 9). E depois de tudo isso, como disse Isaías, ela produziu uvas “azedas” (Isaías 5:4; NVI) e, conseqüentemente, caiu sob o julgamento de Deus (Isaías 5:5). As identificações de Jesus como “a videira verdadeira” e do Pai como “o agricultor” chamam a atenção para a estreita relação entre o Filho e o Pai, um tema enfatizado em todo este Relato do Evangelho (veja, por exemplo, 5:19–30). Jesus já havia se descrito a si mesmo como “o verdadeiro pão”, “a verdadeira luz” e “o bom pastor”. Agora ele se apresenta como “a videira verdadeira”.

Versículos 2 e 3. A habitação de Jesus em seus discípulos e vice-versa registrada em 14:20 (“vós em mim e eu em vós”) é expressa nesta passagem nas figuras de uma videira e seus ramos. Jesus é a videira e os discípulos são os ramos que extraem vida da videira⁷. A figura da videira e dos ramos retrata uma relação muito mais estreita do que a do pastor com as ovelhas (cap. 10). O pastor cuida das ovelhas, ao passo que a videira concede força geradora de vida a seus ramos. Sem a videira, não há vida para os ramos.

O Pai, no papel de agricultor, cuida da videira para torná-la o máximo produtiva. A tarefa dele é dupla: 1) **Ele corta** (αἶρει, *airei*) os ramos infrutíferos e 2) **limpa** (καθαίρει, *kathairei*) os ramos frutíferos. Uma forma de *kathairei* aparece em 15:3 (καθαροί, *katharoi*), traduzida por “limpos”. Isso lembra o comentário de Jesus em 13:10: “...vós estais limpos [*katharoi*], mas não todos”. Judas não estava limpo porque era traidor.

Jesus disse que o Pai cortaria ou removeria **todo ramo que, estando em mim, não ser fruto.**

⁷ Certos grupos religiosos, por vezes, tentam justificar sua existência argumentando que os ramos representam várias seitas. A falácia desse pensamento se evidencia de duas maneiras: 1) Jesus disse claramente aos seus discípulos em 15:5: “...vós sois os ramos”. Cada discípulo de Jesus é um ramo. 2) Um ramo produz frutos compatíveis com a natureza da videira à qual está ligado. As denominações ensinam várias doutrinas, muitas das quais são contraditórias. Não seria assim se todas estivessem ligadas à mesma videira que dá vida.

⁵ Veja os comentários sobre 6:35. As alegações anteriores de Jesus foram: “eu sou o pão da vida” (6:35, 48); “eu sou a luz do mundo” (8:12); “eu sou a porta das ovelhas” (10:7; veja 10:9); “eu sou o bom pastor” (10:11, 14); “eu sou a ressurreição e a vida” (11:25) e “eu sou o caminho, e a verdade, e a vida” (14:6).

⁶ Veja Salmos 80:8–16; Isaías 5:1–7; 27:2–6; Jeremias 2:21; 12:10–17; Ezequiel 15:1–8; 17:1–10; 19:10–14; Oseias 10:1, 2.

Ramos que não dão frutos não são ramos vivos e produtivos; são mortos. Assim como o vinicultor corta os ramos infrutíferos da videira, o Pai corta os ramos infrutíferos do Filho. Há quem rejeite a ideia de que um verdadeiro crente pode cair da fé. Embora alguns contestem que os ramos infrutíferos nunca foram ramos verdadeiros (crentes fiéis), Jesus deixou claro que até os ramos infrutíferos estavam nele (“em mim”). O único ponto exposto por Jesus era que os ramos infrutíferos, assim como os ramos frutíferos, estavam ligados à videira e dela extraíam vida – apesar de não darem frutos.

Em seguida, Jesus disse que o Pai limparia ou podaria **todo o que dá fruto... para que produza mais fruto ainda**. O objetivo maior de uma vinha é produzir frutos; por isso, o vinicultor “limpa” (literalmente, “poda”) os ramos para que produzam mais frutos. A palavra “limpa” (“poda”, “purifica”) sinaliza que Jesus estava prestes a fazer uma aplicação espiritual. Enquanto os ramos infrutíferos (mortos) eram completamente cortados, os ramos vivos não eram separados da videira; caso contrário, de modo algum dariam frutos. Tudo o que prejudicasse a produção de frutos era removido dos ramos vivos.

Esse processo de poda figurativa, sem dúvida, inclui a disciplina espiritual que o Senhor aplica aos seus filhos, da mesma forma que um pai disciplina seus filhos. Embora o processo possa ser doloroso, Deus “nos disciplina para aproveitamento” (Hebreus 12:10). O Pai deseja que seus filhos tenham a vida mais frutífera possível; ele quer que seus discípulos deem fruto e “mais fruto ainda”. Produzir frutos é uma conhecida metáfora da atividade dos crentes fiéis (Romanos 7:4; Colossenses 1:6, 10). Judas é um exemplo claro de um ramo infrutífero que foi “cortado”; Pedro representa o ramo que foi “limpo”, podado. O objetivo da disciplina que ele recebeu de Jesus foi capacitá-lo a se tornar o mais frutífero possível – e isto certamente aconteceu.

Jesus disse aos discípulos que eles **já** estavam **limpos**. Esta palavra grega traduzida por “limpos”, *katharoi*, é a mesma usada no episódio do lava-pés em 13:10. Naquela ocasião, a ênfase era a limpeza corporal, com implicações espirituais. Aqui Jesus deu continuidade à alusão espiritual com a ideia de limpeza ou poda dos ramos (15:2) pelo grande agricultor, o Pai. Jesus queria que seus discípulos soubessem que ele não os condenava; pelo contrário, ele lhes assegurou que eles “já esta-

vam limpos”.

Os discípulos que guardaram e acolheram a **palavra** de Jesus estavam “limpos” por conta disso. A “palavra” (λόγος, *logos*) de Jesus é a totalidade da sua mensagem (veja 14:23); suas “palavras” (ῥήματα, *rhēmata*) em 15:7 são as porções do seu ensino. Ainda que estivessem limpos, os discípulos necessitavam de uma limpeza (ou poda) contínua, para que permanecessem limpos (ou podados). Essa limpeza contínua seria efetuada pela “palavra” (*logos*) que Jesus lhes tinha falado, a qual incluía tudo o que Jesus é, disse e fez. É por meio do poder purificador da “palavra” que o Pai realiza seu processo de poda. Longe de repreender seus discípulos, Jesus estava encorajando-os, chamando a atenção deles para continuarem limpos, isto é, progredir espiritualmente.

“PERMAENCEI EM MIM” (15:4–11)

⁴Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. ⁵Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. ⁶Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam. ⁷Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito. ⁸Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos. ⁹Como o Pai me amou, também eu vos amei; permaneci no meu amor. ¹⁰Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço. ¹¹Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo.

Versículos 4 a 6. Depois de encorajá-los a permanecerem limpos, Jesus disse: **permanecei em mim, e eu permanecerei em vós** (15:4). Embora a correlação entre essas duas frases não esteja bem clara, tudo indica que se trata de uma oração condicional. O sentido seria: “Se vocês permanecerem em mim, eu permanecerei em vocês”. Jesus estava destacando que a limpeza contínua e a frutificação dependem de se permanecer nele. Sem a videira,

não pode o ramo produzir fruto de si mesmo. A vida de um ramo depende de sua conexão com a **videira**; caso contrário, ele não tem vida em si e é totalmente inútil. A única maneira de um ramo ser produtivo é estando ligado à videira. Como é com um ramo literal e videira, assim é com os discípulos de Jesus: **nem vós o podeis dar [fruto], se não permanecerdes em mim.**

Diferentemente dos ramos de uma videira literal, os “ramos” da videira figurativa são responsáveis por permanecer ligados a ela. O ponto que Jesus queria destacar é claro: “permanecer” exige continuar a viver em união com ele, sendo por ele vivificado. Somente desta forma pode um discípulo viver uma vida espiritual frutífera. A palavra “permanecer” (μένω, *menō*) foi usada anteriormente em João num contexto não espiritual (1:38, 39) e num contexto espiritual (6:56; 8:31); porém seu significado espiritual atinge o ápice neste capítulo, ocorrendo dez vezes somente na seção 15:4–10. A exortação de Jesus aos discípulos era que permanecessem nele e no seu amor; e, para isso, eles deveriam obedecer aos seus mandamentos (veja 15:9, 10).

Em 15:5, Jesus repetiu o último “eu sou” registrado em 15:1, ressaltando uma ênfase diferente. Anteriormente ele enfatizou seu relacionamento com o Pai, o agricultor; aqui, a ênfase está em seu relacionamento com os discípulos, os ramos: **Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto** (15:5). Acompanhando a declaração “eu sou”, o versículo repete essencialmente o pensamento de 15:4: permanecer em Jesus é tornar-se frutífero, **porque sem mim nada podeis fazer.** Merrill C. Tenney chamou a atenção para um medidor tríplice da produtividade quando disse que “a ordem divina” é dar “fruto, muito fruto e mais fruto ainda”⁸. A natureza do fruto não é especificada no texto, mas engloba todas as diversas evidências de crescimento e desenvolvimento espiritual na vida dos crentes. Paulo descreveu a essência desse fruto: “Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei” (Gálatas 5:22, 23). Acrescente-se a isso alcançar o mundo com a mensagem do evangelho (veja 15:16, 27). Edwyn Clement Hoskyns comen-

tou: “Todos que creram em Jesus por meio da pregação apostólica são o fruto da videira e de seus ramos”⁹. Os cristãos tornam-se frutíferos mediante a oração (15:7), a obediência a Jesus (15:10), experimentando sua alegria (15:11) e amando uns aos outros (15:12).

Depois de declarar que quem permanece nele dá muito fruto, Jesus deu um aviso severo: a menos que permaneça na videira, será lançado no fogo para ser queimado. Jesus afirmou que quem não permanecer nele **será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam** (15:6). Essa admoestação enfatiza a necessidade de o discípulo ser continuamente dependente da videira para ser frutífero. Os ramos que não permanecerem nele se tornarão infrutíferos; serão jogados fora, recolhidos e lançados no fogo. Um ramo separado da videira não tem vida. Um ramo que não produz frutos não serve para nada, exceto para combustível do fogo. Jesus queria que seus discípulos entendessem que o julgamento está reservado aos que não dão fruto, muito fruto e mais fruto ainda¹⁰.

Versículos 7 e 8. Jesus então acrescentou: **Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós.** Não existe uma diferença básica entre Jesus habitar em seus discípulos e suas “palavras” habitarem neles. As “palavras” (ῥήματα, *rhēmata*) de Jesus são os registros do seu ensino oral (veja os comentários sobre 15:2, 3). Raymond E. Brown escreveu: “Jesus e sua revelação são praticamente intercambiáveis, pois ele é a revelação encarnada (a Palavra)”¹¹. Se o discípulo permanecer em Jesus, as palavras de Jesus permanecerão nele; da mesma forma, a obediência ao ensino de Jesus está diretamente relacionada à contínua união com Jesus, “a videira verdadeira”. É essa união do crente com a videira que resulta em frutificação.

O crente que alinha seu comportamento e valores aos ensinamentos de Jesus tem a promessa de que suas orações serão atendidas. Jesus declarou: **pedireis o que quiserdes, e vos será feito.** Em 14:13 e 14, a promessa de atender as orações era a quem pedisse em nome de Jesus, isto é, em confor-

⁹ Edwyn Clement Hoskyns, *The Fourth Gospel*, 2a. ed. Londres: Faber and Faber, 1947, p. 476.

¹⁰ Assim como os ramos improdutivos são inúteis, Israel é retratada como uma videira improdutiva, que só presta para o fogo (isto é, o julgamento de Deus) em Ezequiel 15.

¹¹ Brown, 662.

⁸ Merrill C. Tenney, *John: The Gospel of Belief*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1976, p. 228.

midade com tudo o que Jesus era, disse e fez (veja os comentários sobre 14:13 e 14). Aqui Jesus fez a mesma promessa aos que “permanecessem” nele. Os que estão unidos a Jesus entendem que devem desejar e pedir somente o que é aprovado por ele. Jesus confiou que os crentes fiéis nunca fariam pedidos inapropriados.

Disse o Senhor: **Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos.** O Pai foi glorificado na obra redentora do Filho (13:31, 32), e agora o Pai seria glorificado pela abundância de frutos produzidos pelos discípulos de Jesus. Nós, os seus discípulos, não podemos dar fruto de nós mesmos (15:4). Somente ligados à videira podemos ser frutíferos. A frutificação é a prova de que a videira dá vida (a obra redentora do Filho), cujo agricultor é o Pai. A frutificação dos discípulos resulta em glória ao Pai por meio do Filho. Além do Pai ser glorificado por meio de discípulos produtivos, dar frutos também testifica a fidelidade do discípulo.

Versículos 9 e 10. O relacionamento íntimo entre o Pai e o Filho ecoa por todo o discurso de despedida do Senhor. A unicidade do Pai e do Filho, aqui descrita, serviu de modelo para o relacionamento desenvolvido entre Jesus e seus discípulos. Jesus disse: **Como o Pai me amou, também eu vos ame.** O Pai estendeu seu amor pelo Filho “antes da fundação do mundo” (17:24). O Pai amou o Filho porque este se dispôs a dar a própria vida (10:17). Foi por causa do amor do Pai que ao Filho foi confiada a missão da salvação (3:35; 5:20). Assim como o Pai amou o Filho, Jesus amou seus discípulos.

A seguir, Jesus instruiu os discípulos, dizendo: **permanecei no meu amor.** E esclareceu o que quis dizer: **Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor.** Jesus igualou o permanecer em seu amor com o guardar os seus mandamentos (veja 14:15, 21, 23; 15:14). Permanecer no amor de Jesus não tem a ver com experiências místicas ou práticas ascéticas, é obediência pura e simples. Aqui novamente (veja 15:4), a ênfase recai na responsabilidade individual. Embora Jesus ame seus discípulos como o Pai o amou, o beneficiário desse amor deve corresponder a ele (veja Efésios 2:8, 9). Essa resposta não deve ser motivada por medo ou pelo mero dever de “guardar as regras”; o maior motivo da resposta de obediência é o *amor*. Visando demonstrar como convém aos discípulos responder ao seu amor, Jesus citou sua própria res-

posta de obediência ao **amor** de seu Pai. Jesus nunca pediu a seus discípulos que fizessem algo que ele mesmo não quisesse fazer (veja 13:13–15). Para Jesus permanecer no amor do Pai foi-lhe necessário ser obediente (veja Hebreus 5:8, 9). Assim como Jesus guardou os mandamentos do Pai de permanecer em seu amor, os discípulos devem guardar os mandamentos de Jesus de permanecer em seu amor.

Versículo 11. **Tenho-vos dito estas coisas** (ταῦτα λέλάληκα, *tauta lelaleka*) é uma frase que ocorre mais seis vezes no discurso de despedida (14:25; 16:1, 4, 6, 25, 33), sempre se referindo ao que foi declarado anteriormente. Em alguns casos, o propósito do ensino é explicado. “Estas coisas” foram ditas para que os discípulos 1) tivessem **gozo** (15:11), 2) fossem previamente alertados (16:1, 4) e 3) tivessem paz (16:33). Em 14:27, Jesus deixou a sua paz aos seus discípulos. A isso, Jesus acrescentou, respectivamente, o seu “amor” e o seu “gozo” ou “alegria” (15:10, 11). A alegria da qual Jesus falou era a plena alegria que ele tinha ao se relacionar com o Pai e ao obedecer irrestritamente ao Pai. Jesus deseja que seus discípulos experimentem a mesma alegria que ele experimentou (veja 1 João 1:4). Assim como a alegria de Jesus se baseava em permanecer no amor de seu Pai, o mesmo ocorre com a alegria dos discípulos. A verdadeira alegria está fundamentada em permanecer no amor do Pai. Jesus disse que seus seguidores demonstrariam amor ao Pai sendo obedientes a ele. Até o discurso de despedida, o conceito de “gozo/alegria” (χαρά, *chara*) em João só apareceu em 3:29; aqui e no restante do Evangelho, porém, a palavra aparece mais sete vezes (15:11 [duas vezes]; 16:20, 21, 22, 24; 17:13).

Em conformidade com sua mensagem de vida abundante (10:10), Jesus almeja que seus discípulos tenham alegria no mundo atual. Experimentar a alegria em um mundo imperfeito, com todas as suas provações e tribulações, é uma meta considerada impossível por muitos. No entanto, os primeiros cristãos deram exemplo de alegria completa (Atos 13:52; Romanos 15:13; 2 Coríntios 2:3; 2 Timóteo 1:4), mesmo em face de perseguição e sofrimento (Atos 5:41; 1 Tessalonicenses 1:6; Hebreus 10:34; Tiago 1:2; 1 Pedro 1:6). A promessa de Jesus de que o **gozo** dos discípulos seria **completo**, anunciada na véspera de sua morte e partida para o Pai, visava confortá-los enquanto eram bombardeados por problemas.